Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported

LIBERMAN, Arnoldo. **Gustav Mahler.** Um coração angustiado. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Rodrigo Coppe Caldeira*

Indubitavelmente, o movimento da alma humana em busca do Absoluto tem a música como um de seus melhores veículos e representações. Suas idas e vindas, suas harmonias e dissonâncias representam as almas daqueles que, num mundo marcado pelas contingências e passagens, escutam a mudez do mundo, mas também suas plenas possibilidades. Pensando assim, a música é a imagem de um homem que grita. Que desespera. Que rejubila. Enfim, que vive. Dessa forma, a música, que é expressão de um homem à procura, resvala nos mais recônditos interstícios e limites da experiência humana, por isso, não poderia deixar também de ser compreendida como um movimento anímico. Gustav Mahler (1860-1911) encarnou esse homem que grita, de forma clarividente e audaz, e a partir de sua obra monumental, exprimiu a face humana que se regojiza frente à beleza e, quase ao mesmo tempo, se dilacera ao enxergar a impossibilidade de um regojizar final e completo. Na obra apresentada, *Gustav Mahler. Um coração angustiado*, Arnoldo Liberman constrói a trajetória do músico vienense, traçando, especialmente, o seu perfil espiritual, sua alma atormentada. Dividida em "quatro movimentos" e mais um posfácio e uma parte batizada como "destino singular", na qual o autor faz pequenas reflexões sobre as fontes orais utilizadas para a escrita de cada capítulo, Liberman apresenta Mahler sempre tendo em vista seus caminhos e descaminhos espirituais, tendo como pano de fundo a Viena do início do século XX e suas personagens principais, como Thommas Mann, Sigmund Freud, Arnold Schönberg, Gustav Klimt, Oskar Kokoschka, Rainer Maria Rilke, entre outros, com quem teve esparsos e profundos encontros. Liberman trata da trajetória de Mahler partindo da relação do músico com o *mysterium tremendum* da existência. Assim, a música, para o grande compositor, relaciona-se com as possibilidades de sua própria

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil(2009). Professor Adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Departamento de Ciências da Religião. Páis de origem: Brasil. E-mail: rodrigocoppe@gmail.com

redenção. Caminhando pelas bordas de um abismo existencial, Mahler é o que poderíamos chamar de um homem trágico. E sua tragicidade relaciona-se também com sua origem, a judeidade e sua vocação ao exílio e a experiência do deserto. Como nos diz Kovadloff, num ensaio sobre *Moisés e o espírito trágico do judaísmo*, "trágico é o homem que, sentindo-se inocente, se sabe sentenciado" [1]. A tal tragicidade Mahler responde em uma de suas cartas: "Mas se o homem sofre em silêncio, um Deus me deu o dom de expressar minha dor" (p. 22). Porém, Liberman chama a atenção para o fato de que Mahler não era um "religioso no sentido tradicional". O Deus de Mahler é um deus silencioso, como aquele dos personagens de Franz Kafka, sempre um "destinatário do lamento que não dá respostas concretas" (p. 23). Numa de suas cartas a Alma, sua esposa, dizia: "os homens razoáveis são insuportáveis. Eu não amo mais que àqueles que exageram [...]"; nesse exagero "está meu sincero desejo de colocar Deus no lugar dos ídolos de barro" (p. 24). Mahler compreende a música como uma celebração mística, "talvez parcialmente em reação à tradição pré-romântica da música como um espetáculo hedonista" (p. 28), e deixa tal aspecto de sua obra vir à tona numa carta que escreve a Max Marschalk em 1896: "Sei que enquanto eu não puder dar forma a uma experiência interior por meio de palavras, certamente não a escreveria de maneira musical. A necessidade de se expressar musicalmente, sinfonicamente, não começa senão com as emoções nebulosas que se abrem 'ao outro mundo', ao mundo em que as coisas já não estão separadas pelo tempo e o lugar" (p. 28). Liberman sugere que é com sua Oitava Sinfonia, com o *Veni Creator Spiritu*, que Mahler chega a uma sublime hierofania: "o absoluto: tão ansiado – se revela a ele, mas ao mesmo tempo, continua inacessível, distante, sempre misterioso" (p. 38). Para o biógrafo, Mahler faz música para, de certa forma, neutralizar o silêncio, que para sua alma parece ser insuportável, e também, para vislumbrar o Absoluto. Mas "embora 'toda sensação de absoluto seja religiosa' (Novalis), talvez nada seja mais absoluto – juntamente ao desejo – que esse silêncio [...] Mahler mantêm o olhar ao desejo, ao silêncio e à morte" (p. 39). "Mahler é o músico dos existencialistas", completa, "porque o que eles, desde Kierkegaard a Kafka, buscaram em Mozart – a mais pungente melancolia, a exata descrição do 'paraíso perdido' –, Mahler encarnou" (p. 40). Numa carta de 1909 à sua esposa, deixa entrever seus

[1] Moisés e o espírito trágico do judaísmo. Santiago Kovadloff. In. FRANÇA, Maria Olympia A. F. **Freud, a cultura judaica e a modernidade**. São Paulo: SENAC, 2003, p. 94.

arroubos místicos: “Tudo aponta, a princípio obscuramente e depois passo a passo, para esse momento supremo que, embora além da expressão e mesmo apenas suspeitado, toca o próprio centro do sentimento [...]. porém, o que sentimos, o que suspeitamos mas nunca alcançamos, é indecifrável. Àquilo que nos leva com sua força mística, o que todo aquele que veio ao mundo sente com absoluta certeza como centro de seu ser, ao que Goethe chama ‘o eterno feminino’, ou seja, o lugar de repouso, a meta, em oposição ao esforço e à luta para alcançar tal meta (o eterno masculino), tens muita razão de chamá-lo de a força do amor” (p. 40-41). A eterna sensação de exílio vivido por Mahler leva-o à conversão religiosa ao catolicismo em fevereiro de 1897. Segundo Liberman, sua conversão se deu por “múltiplas razões de busca individual e de estratégia profissional” (p. 63). É preciso reelembrar que a Europa daquele período vivia seus inúmeros surtos antissemitas. Contudo sua esposa escrevia: “Mahler nunca negou sua origem judia. Ao contrário, destacou-a. Era um crente no cristianismo, um judeu cristão, e arcou com as conseqüências. Eu era uma pagã cristã e saía impune” (p. 58). Mesmo sendo um judeu convertido ao catolicismo, Mahler continuava sendo um homem marcado pelos “porquês” da existência. E eram exatamente eles que possibilitavam ao músico seus maiores estímulos criativos. Como diz o autor, “para Mahler, qualquer resposta era sempre provisória, qualquer plenitude estava submetida ao cruel espelho da fugacidade, qualquer estremecimento era tudo isso e nada mais que isso: um estremecimento” (p. 67). Esse estremecimento, ligado a uma desventurada clarividência de sua alma jogada entre Eros e Thânatos, “é o que certamente torna não fácil a audição da obra de Mahler. É preciso aprender com ele a tolerar a explosiva mescla de angústias e beleza, de vida e morte, que são seus pentagramas” (p. 70).

O interessante da obra de Liberman, que não pretende esgotar todo o tema, é que o autor apresenta a trajetória musical de Gustav Mahler aproximando-a do percurso da alma do compositor austríaco, sempre errante e à procura de sentido profundo. O livro é uma grande contribuição para o ainda limitado campo de traduções em português sobre a música erudita e um marcante testemunho de que por trás de um grande homem há sempre uma sede infinita.